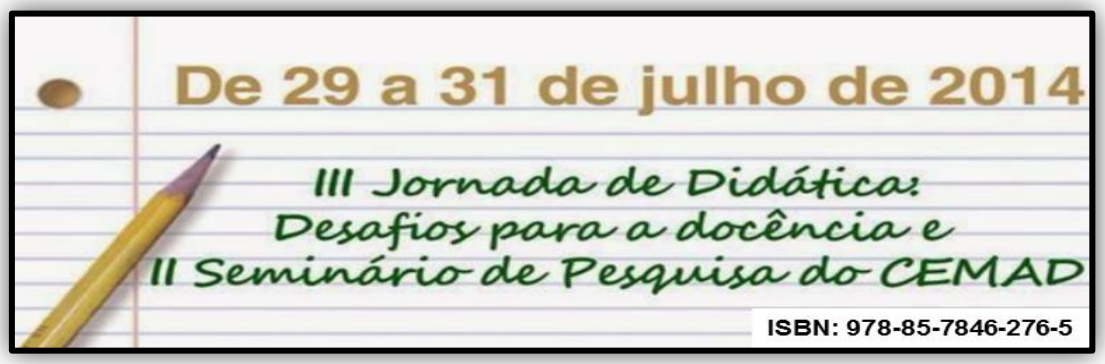

ANÁLISE DE TEXTOS DIVERSOS: INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER O PENSAR CRÍTICO E REFLEXIVO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

NASCIMENTO, Maria Regina de Jesus
Governo do Estado do Paraná - SEED.
mari.jenasc@hotmail.com

NASCIMENTO, Mari Clair Moro
Universidade Estadual de Londrina- UEL
mariclairmoro@hotmail.com

Eixo temático: Didática e Práticas de Ensino na Educação Básica

RESUMO
O estudo parte da perspectiva de que a leitura e o domínio da linguagem escrita em nossa sociedade é cada vez mais intensa, exigindo dos indivíduos habilidades diversas em comunicação, capacidade leitora e interpretativa. A leitura, muitas vezes é desenvolvida apenas em seu aspecto primeiro que é o da decodificação, o que não desenvolve o pensamento crítico dos alunos, independente de seu nível de estudo, prejudicando todo o seu desenvolvimento acadêmico, uma vez que a mesma perpassa todas as matérias estabelecidas no currículo. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo apresentar a diversidade textual como prática favorecedora ao desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo na educação básica. Para atingir o proposto, o estudo vale-se da pesquisa bibliográfica, no intuito de apresentar o que dizem os estudiosos do tema a respeito do assunto e como este aspecto é apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Tem-se como resultado que a utilização de diversos gêneros textuais na sala de aula favorece a ampliação do pensamento crítico e reflexivo e também possibilita ao aluno a apropriação da sua realidade e dos saberes construídos socialmente.

Palavras chave: Práticas de leitura. Diversidade textual. Formação de alunos leitores.

INTRODUÇÃO

Pesquisar a leitura na sua diversidade e na perspectiva da análise e interpretação de textos, não foi algo que surgiu ao acaso, mas da necessidade percebida em sala de aula, principalmente nas aulas ministradas no 3º ano do ensino médio no ano de 2013, quando esses relataram as dificuldades na interpretação de textos. Assim, na preparação das aulas para esses alunos sempre havia a necessidade de inserir a prática da análise e interpretação de textos, já que a fala “a prova de português só tinha interpretação de texto”, era muito recorrente na maioria deles. Então, devido à necessidade dos próprios alunos, que buscam nas aulas de língua portuguesa a solução para terem bom desempenho nas provas e exames que realizam para ingresso no mercado de trabalho ou para o alcance de bolsas de estudos em instituições de ensino superior particulares, era preciso contemplar a análise de textos, tanto literários quanto publicitários, científicos e didáticos entre outros, trabalhando não só a gramática, mas o que é um texto, quais suas dimensões, suas ideologias, sua beleza no contexto da língua portuguesa, enfim, ensiná-los a ler, de maneira que ultrapassem a sonorização dos sons das letras, ou seja, a decodificação do código escrito, porque promover a análise de textos requer mais que lê-lo, demanda a atenção voltada para cada parte do texto, sua construção e reconstrução. Não basta passar os olhos pelas palavras, como geralmente os alunos fazem, têm que entender o significado delas, suas relações com o todo ou, pelo menos, aproximar-se daquilo que o autor pretendeu transmitir e ainda buscar as características, as propriedades de cada tipo de texto bem como a ideologia nele contida, afinal, como diz Bakhtin (1999, p.17), “[...] a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia; a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais [...] refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula”.

Ler, como já é sabido, não se restringe a decodificar as palavras, é bem mais que isso, aprender a ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais (jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras) para desenvolver uma atitude crítica, quer dizer, de discernimento, que leve a pessoa a perceber as vozes presentes nos textos e perceber-se capaz de tomar a palavra diante deles (YUNES, 2009). Nesta perspectiva, faz-se necessário saber atribuir sentido ao que foi decodificado por meio da oralidade ou da leitura silenciosa, compreender o que

nos chega por meio da leitura e selecionar informações, sabendo interagir criticamente e, com isso, construir uma concepção de mundo que abranja toda a sua diversidade e complexidade visando o aperfeiçoamento da própria cidadania.

Diante do exposto, este estudo, em se tratando de uma pesquisa bibliográfica, tem como objetivo apresentar a diversidade textual como prática favorecedora ao desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, a partir do mapeamento dos teóricos que tratam do referido tema.

A FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES

Formar leitores é algo que se inicia antes mesmo da educação infantil e se estende por toda a vida escolar, sendo esse estender-se por toda a vida escolar que precisa ser entendido pelos professores, pois promover a leitura é um trabalho que compete não apenas aos docentes de língua portuguesa, mas a todos os demais e em todos os níveis da educação. Tal justificativa se dá porque o ato de ler é concebido neste estudo como a superação da decodificação do código escrito, ainda que isso também faça parte, mas principalmente compreendido como um processo "[...] que envolva uma compreensão crítica do ato de ler que não esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (FREIRE, 2003, p. 54).

Sendo uma das tarefas da escola, a formação de alunos leitores, aqueles que tenham capacidade para interpretar, principalmente, o mundo de maneira crítica e competente, cabe à escola a adoção de novas metodologias e materiais, além da relevância de se ter, é claro, professores leitores. Diante do exposto, torna-se necessário repensar as estratégias que vêm sendo utilizadas para a formação de alunos leitores, porque a ampliação do repertório de leituras proporciona novas visões aos alunos e favorece também a escrita. Nesta visão, não se coloca em segundo plano a escrita, mas essa acaba por acontecer como decorrência do processo de leitura que, conforme afirma Kuhlthau (2002), tem sua relevância porque garante aos alunos a apropriação dos saberes elaborados pela humanidade, pois estes estão registrados em diversos tipos de textos, ou seja, em materiais diversos. Inclui-se aqui, as informações que se adquire inclusive por meios virtuais. Ainda, o mesmo autor chama a atenção para a importância de o professor

valorizar a bagagem de conhecimento dos alunos, mas ressalta que a escola, por ser o espaço no qual se deve ampliar e aprofundar esses conhecimentos, precisa dar conta disso, o que requer o contato com a diversidade de recursos de leitura, atualmente, disponíveis, porque

> Cada leitura constitui, portanto, uma interpretação diferente do texto, diversa para cada leitor. [...] o escrito goza da liberdade de "rolar" livremente em todas as direções e se presta a uma leitura livre, a uma interpretação e a um uso do texto com total liberdade (CHARTIER; CAVALLO, 2002, p. 10).

Nesta concepção de leitura, o ato de ler é compreendido como uma maneira de se abrir a novos horizontes, a favorecer ao aluno o questionamento e análise crítica, intervenção e reconstrução da sua realidade, pois ao ter acesso aos saberes da humanidade o sujeito vai se apropriando da sua história, enquanto participante de uma determinada sociedade. Conforme diz Demo (2011, p. 13):

> Não significa apenas criticar, mas, com base na crítica, intervir alternativamente. [...] Um dos sentidos mais fortes da educação é precisamente a passagem de objeto para sujeito, o que significa formação da competência [...]. [...] Por reconstrução, compreende-se a instrumentação mais competente da cidadania, que é o conhecimento inovador e sempre renovado.

Assim, o importante são as próprias interpretações que o sujeito faz do texto, pois são essas que possibilitarão a ampliação do conhecimento até então existente, modificando as maneiras de pensar, já que ler tem sua importância quando o sujeito faz múltiplas leituras, ação que favorece deixar a postura de espectador para alguém que interpreta a realidade para nela intervir, ainda que, timidamente.

Diante do exposto, cabe à escola propiciar os instrumentos necessários e momentos que ajudem o aluno a efetivar essa leitura, porque assim ele se torna sujeito da sua própria aprendizagem. Conforme diz Freire *(*2003, p. 22): "A leitura da palavra não é apenas procedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente". Solé (1998) complementa essa ideia quando diz que a leitura, a compreensão e a interpretação de textos escritos de diversos tipos, com diferentes intenções e objetivos, contribui na formação da autonomia das pessoas.

Cabendo à escola a ampliação dos conhecimentos, compete ao professor mediar a ação de o aluno compreender os conceitos sistematizados ou científicos proporcionado pela leitura, visto que, segundo Kleiman (2002), a leitura não se concretiza na decodificação de símbolos e sons, mas na interpretação e na compreensão do que se leu, para isso os alunos precisam conhecer aspectos da língua, ter um bom vocabulário ou ampliá-lo e se utilizar do próprio acervo, enquanto leitor, ou seja, atribuir um sentido ao texto a partir do que já conheceu ao longo de sua vida. Por isso a importância da leitura, porque,

> Ler um texto qualquer, uma notícia, uma narrativa ficcional ou um poema nos leva a entrar em contato com uma outra experiência, reconstituí-la e reconstruirmo-nos. E construir-se significa, sobretudo, inscrever-se na experiência no real. Uma leitura profunda conduz a uma espécie de imersão no universo das palavras e, quando o leitor volta à tona se encontra numa terceira margem. Nela ele pode reverse, ampliando seu conhecimento de si e do mundo (MICHELETTI, 2006, p. 16).

Cabe ressaltar que a leitura proporciona trocas de experiência a partir das reflexões mediadas pelo professor e no contato com outros sujeitos, ficando em evidência a necessidade de se ter momentos de reflexões e debates na sala de aula, instante em que se tem a revisão dos próprios saberes, por isso a importância de ler diversificados materiais, sendo desde a

> [...] pesquisa no anuário, à desmontagem de um texto filosófico, passando pela degustação de um poema, pelo vôo sobre o jornal habitual, pelo olhar lançado sobre um anúncio ou um programa, pelo romance policial devorado no trem, pelo enunciado de um problema de física, pelo manual de instruções de um aparelho novo, pela retomada de um texto que se está escrevendo, pela consulta ao dicionário, pelo estudo literário de uma antologia, pelo relance sobre as suas anotações antes de tomar a palavra, pela legenda de um filme de vídeo, pela releitura de uma obra de arte, pela busca de uma rua etc (FOUCAMBERT, 1997, p. 105).

Geralmente, ler é uma ação associada à figura de um livro, mas é muito mais, porque a abarca a "[...] leitura dos sons, da imagem, das expressões, da textura, etc." (ARAÚJO; NASCIMENTO, 2013, p. 22857), motivo pelo qual o professor precisa apresentar diversificados recursos e momentos de leitura. Segundo Rezende (2009), as práticas cotidianas de leitura precisam contribuir para a formação leitora, o que nos faz concluir que a leitura precisa fazer parte do

contexto da sala de aula e não apenas estar inserida em momentos pontuais ou por meio de projetos com tempo de início e término.

PRÁTICAS FAVORECEDORAS AO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO E REFLEXIVO: O QUE DIZEM OS TEÓRICOS

O domínio da leitura é o eixo das discussões acerca da melhoria do da aprendizagem, por ser um dos aspectos que interfere no fracasso escolar, uma vez que a falta da leitura ou a sua dificuldade, tanto na alfabetização quanto na apropriação dos padrões da linguagem escrita, geram uma ruptura e evita de maneira significativa e abrangente o progresso do aluno. Assim "[...] dificuldades de compreensão afetam diretamente o desempenho do aluno, não só no que diz respeito à linguagem, mas em todas as áreas do conhecimento, e, o mais grave, durante toda a sua escolaridade" (VILLARDI, 1999. p. 4).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), fica claro que o que se espera dos docentes de língua portuguesa é a mediação e a organização de ações que possibilitem aos alunos descobrirem o implícito nas práticas de linguagem, isso de maneira crítica e reflexiva, buscando atender aos objetivos do ensino fundamental que visa ao aluno, entre outras capacidades "[...] posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas" (BRASIL, 1998, p. 69). E ainda, "[...] questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação" (BRASIL, 1998, p. 69).

A leitura de textos diversos, com o intuito de despertar o pensamento crítico e reflexivo, torna-se relevante na intenção de amenizar a deficiência da aprendizagem, uma vez que a língua portuguesa é vista por grande parte da comunidade escolar docente como a grande vilã do fracasso escolar de muitos alunos, e ainda para promover a construção de um pensamento responsável, lógico e criativo, pois de acordo com Villardi (1999, p. 8):

> [...] o desenvolvimento da linguagem se traduz como elemento essencial ao crescimento intelectual da criança, a leitura acaba por

> constituir-se num fator que interfere de forma substantiva no pensamento, tornando-se, consequentemente, um fator determinante do bom desempenho durante e após o período de escolarização.

Chamando a atenção para a importância do trabalho com diversificados gêneros nos tempos atuais Marcuschi (2003, p 35) afirma que:

> o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Pois nada do que fazermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizemos linguisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero. E há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, merecedores de nossa atenção. Inclusive e talvez de maneira fundamental, os que aparecem nas diversas mídias hoje existentes, sem excluir a mídia virtual, tão conhecida dos internautas ou navegadores da Internet.

Ao estudarmos a diversidade dos gêneros textuais em sala de aula levamos em consideração o seu uso e função social em dada situação comunicativa e, uma vez que os gêneros discursivos variam de acordo com a situação (Bakhtin, 2003) a aula perde a característica de modelo pronto e acabado, possibilitando uma interação mais significativa com o texto, ampliando as condições para a construção de novos conhecimentos, o que vem a enriquecer cada vez mais o desenvolvimento das habilidades de leitura. Assim sendo, o acesso à diversidade de gêneros textuais na escola caracteriza-se como uma das necessidades básicas do alunado, pois é através do acesso a essa diversidade de gêneros textuais que as habilidades de leitura são aprimoradas.

A leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social, envolvendo atitudes e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido, e é essa compreensão a meta principal do ensino da leitura e, uma vez que a capacidade de compreensão não vem automaticamente, ela precisa ser exercitada e ampliada. Nesse sentido, proporcionar aos alunos familiaridade com gêneros textuais diversos como: histórias, poemas, trovas, canções, parlendas, listas, agendas, propagandas, notícias, cartazes, receitas culinárias, bulas de remédios, instruções de jogos, regulamentos, manuais, etc, contribui para o desenvolvimento da capacidade de compreensão.

Os PCN's de língua portuguesa apontam a necessidade dessa compreensão da leitura na formação eficiente do leitor ao evidenciar que:

> [...] formar um leitor competente, supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e os outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto (BRASIL, 1999, p. 69).

Ainda nos PCN's, encontramos apontamentos referentes às praticas de leitura que devem ser promovidas na escola, na intenção de formar leitores capazes de ir além da decodificação,

> [...] uma pratica constante de leitura na escola deve admitir "leituras". Pois uma concepção que deve ser superada é o mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor. A partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. Necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos. Às vezes é porque o autor intencionalmente "jogou com as palavras" para provocar interpretações múltiplas; às vezes é porque o texto é difícil ou confuso; às vezes é porque o leitor tem pouco conhecimento do assunto tratado, e a despeito de seu esforço, compreende mal (BRASIL, 1999, p. 71).

Além da prática de leitura favorecedora de múltiplas interpretações, a escola também deve oferecer ao aluno textos com informações básicas, ou seja, do cotidiano do aluno, e, nesse sentido, vale ressaltar que é o trabalho com os diversos gêneros textuais que resolve, em boa parte, essa problemática, uma vez que esses textos admitem interpretações limitadas e quanto a isto os PCN's colocam que

> [...] as diferentes interpretações fazem sentido e são necessárias: é o caso dos bons textos literários. Há outros que não: textos instrucionais; enunciados de atividades e problemas matemáticos, por exemplo, só cumprem sua função se houver compreensão do que deve ser feito (BRASIL, 1999, p. 72).

Mesmo sem apontar uma forma de como trabalhar com os gêneros textuais os PCN's indicam o que se espera do trabalho com eles, além de determinar o papel da escola quando diz que:

> [...] considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação, de forma que progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1998, p. 20).

Assim fica clara a necessidade de se trabalhar a diversidade textual em sala de aula, pois somente nessa perspectiva o professor é capaz de 'trazer' um pouco da realidade do mundo lá de fora para dentro da sala de aula, possibilitando ao alunado um contato com a sua própria realidade, porém, de um ponto de vista diferente, com uma abordagem que, talvez, ambos, alunos e professor nunca tenham pensado.

CONCLUSÃO

No decorrer dessa pesquisa verificou-se a importância de se trabalhar em sala de aula a diversidade textual, devido a esta promover um conhecimento de mundo mais abrangente e eficaz, a preparar o aluno para participar da sociedade com maior voz ativa, na busca por modificar seu próprio meio.

Também foi constatado que, apesar da importância da diversidade textual, não há uma fórmula pronta e acabada para desenvolver o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, sendo necessário que o professor, enquanto mediador do conhecimento, promova práticas de leitura que contemplem o uso dos diversos gêneros textuais, na busca de formar alunos leitores.

Diante de tal realidade, salientamos a necessidade da formação continuada do professor, sendo esta uma capacitação em serviço, que precisa proporcionar ao docente, além da troca de experiências, a aquisição de conhecimentos específicos desta área de conhecimento, no intuito de, progressivamente, os professores substituírem as práticas atuais, por outras mais fundamentadas teoricamente.

A reflexão apresentada neste estudo, a partir do levantamento bibliográfico, apresenta a importância de se aprofundar o trabalho com os gêneros

textuais em sala de aula, no intuito de chamara a atenção dos professores para instaurar práticas de leitura que ultrapassem a decodificação do código escrito, porque ler é familiariza-se com o escrito atribuindo sentido ao que foi decodificado, muito mais do que identificar os personagens principais ou a ideia do autor.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cristina Nalon; NASCIMENTO, Mari Clair Moro. O estágio e a formação leitora no ensino fundamental. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Londrina. **Anais eletrônicos... Londrina: PUCPR, 2013. Disponível em:** <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/6952_4722.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamenta**l: língua portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

_____. _____. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília: SEED, 1999.

BAKHTIN, M**. Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHARTIER, R. CAVALLO, G. (Orgs) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 9 ed. rev. São Paulo: Autores Associados, 2011 (Coleção Educação Contemporânea).

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KUHLTHAU, Carol Collier. **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para ensino fundamental. (trad. e adaptado por Bernadete Santos Campello *et al*.). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In**:** DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MICHELETTI, Guaraciaba. A leitura como construção do texto e construção do real. In: MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real:** o lugar da poesia e da ficção. Coleção Aprender e ensinar com textos; v. 4. ed.- São Paulo: Cortez, 2006.

REZENDE, Lucinea A. **Leitura e formação de leitores:** vivências teórico - práticas. Londrina: Eduel, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto alegre: Artes médicas, 1998.

VILLARD, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

YUNES, E. **Tecendo um leitor:** uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.